

INÓCUA REUNIÃO DO FÓRUM MUNDIAL

ALCYR VERAS (economista e professor universitário)

Com um discurso em tom neonacionalista, o Primeiro Ministro da Índia, Narendra Modi, abriu a 48ª Reunião do Fórum Econômico Mundial, realizada na semana passada em Davos, na Suíça, dizendo que este não é o momento para falar em construção de “muros e isolamentos”, numa clara alusão à discriminativa política de Donald Trump, diante de sua neurótica insistência em construir um muro alto separando os Estados Unidos do México. E o pior: ele quer que os mexicanos paguem as despesas com a construção do bizarro muro.

Para alguns observadores, a medíocre reunião do Fórum Econômico Mundial, em Davos, não passa de um fastoso encontro Turístico entre chefes de Estado, Ministros e Secretários, realizados nos Alpes Suíços, cuja despesa é bancada com o dinheiro do contribuinte. Para outros, de cunho crítico ferrenho, trata-se mesmo de uma farra, evento do tipo “engana trouxa”, sob a chancela dos países ricos querendo fazer o mundo acreditar em coisas que eles próprios não acreditam.

Abordando temas como o aquecimento global e pedindo que as Nações ricas, mais poluidoras do planeta, paguem pelos estragos que causam ao meio ambiente, Narendra defende políticas que reduzam as desigualdades socioeconômicas, adotando o modelo que ele chama de multipolar (numa referência ao antigo “bipolarismo” entre Estados Unidos e Rússia na época da “guerra fria”). Acha necessário que as Nações cooperem entre si, e não hajam como se estivessem numa acirrada competição de guerra.

Durante a realização do Fórum, houve protestos, o que tem se tornado bastante comum em eventos dessa natureza. Como já era esperado, o principal alvo das críticas foi Donald Trump. Para grupos anticapitalistas, o irreverente e trapalhão presidente norte-americano, cujo ponto forte reconhecidamente não é a diplomacia, representa a exclusão social e a própria exploração econômica mundial. O líder do grupo Sozialismus, Michael Zahn, disse que “o Fórum só serve para que os mais ricos se reúnam e se organizem entre si para ficarem mais ricos”. Entretanto, existem aqueles que defendem a política de Trump ao afirmar que, durante os últimos meses, a redução dos juros e o corte dos impostos provaram que são instrumentos sustentáveis para estimular os investimentos, aumentar a oferta de empregos e manter o consumo em alta.

Outro ponto discutido no evento, embora superficialmente, foi o excesso de protecionismo praticado pelas maiores Nações industrializadas. É verdade que não é nenhum pecado econômico os países protegerem suas indústrias, principalmente as nascentes, porém dentro dos limites dos Acordos comerciais internacionais. Hoje, quem mais se preocupa com o protecionismo é a superpopulosa China, campeã absoluta de exportações para os Estados Unidos (o maior consumidor do mundo).

Há, porém, um ponto extremamente preocupante que não foi abordado, em destaque, nesta 48ª reunião do Fórum Mundial. Este ponto é a tendência da crescente concentração de renda que vem provocando o aumento dos níveis de desigualdade social do planeta. A distância entre ricos e pobres continua aumentando.

De minha parte, acho que não se pode esperar soluções mágicas e definitivas do Fórum Econômico sobre a complexa conjuntura macroeconômica mundial, mas são necessárias urgentes medidas consensuais de aplicações práticas.